

<http://doi.org/10.47369/eidea-23-1-3679>

Recebido em: 22/02/2023

Aprovado em: 26/04/2023



O discurso neoliberal promovido pela *Atlas Network* e sua estratégia discursivo-argumentativa para difundir o “novo neoliberalismo” brasileiro

Júlia Klein CaldasUniversidade do Vale do Rio dos Sinos
(UNISINOS), Brasil
<https://orcid.org/0000-0002-4057-3802>**Dieila dos Santos Nunes**Universidade do Vale do Rio dos Sinos
(UNISINOS), Brasil
<https://orcid.org/0000-0001-5349-5244>**Bruno Lima Rocha Beaklini**Faculdade São Francisco de Assis
(UNIFIN), Brasil
<https://orcid.org/0009-0002-4809-4715>

A *Atlas Network* é uma instituição que busca difundir o discurso neoliberal, repaginado sob uma estética palatável, denominado de “novo neoliberalismo”. É objetivo deste artigo identificar e analisar estratégias textuais e discursivas de argumentação utilizadas pela *Atlas Network* para compor sua imagem institucional em defesa do pensamento neoliberal. Nas reflexões teóricas concernentes ao neoliberalismo, convocamos, entre outros, Vidal e Brum (2020) e Baggio (2016); no que tange às noções de base do discurso argumentativo, apoiamos-nos em Charaudeau (2005; 2008; 2010). Nosso objeto de estudo é um exemplário selecionado “ao voo” (MOIRAND, 2020) da seção “Nossa História”, disposta no site da instituição. Os resultados indicam que a *Atlas Network* emprega diferentes recursos textuais de argumentação para fundamentar a sua proposta de mundo e expressar o ponto de vista da organização. Concluímos que os valores neoliberais explicitados buscam influenciar o interlocutor a aderir ao novo neoliberalismo.

Palavras-chave: *Think tanks*. Discurso. Novo neoliberalismo. Argumentação.

El discurso neoliberal promovido por *Atlas Network* y su estrategia discursivo-argumentativa para difundir el “nuevo neoliberalismo” brasileño

La Red *Atlas* es una institución que busca difundir el discurso neoliberal, reformulado bajo una estética digerible, denominada “nuevo neoliberalismo”. El propósito de este artículo es identificar y analizar las estrategias de argumentación textual y discursiva utilizadas por la Red *Atlas* para componer su imagen institucional en defensa del pensamiento neoliberal. En las reflexiones teóricas sobre el neoliberalismo convocamos, entre otros, a Vidal y Brum (2020) y Baggio (2016), mientras que en lo que respecta a las nociones básicas del discurso argumentativo nos apoyamos en Charaudeau (2005; 2008; 2010). Nuestro objeto de estudio es un ejemplo seleccionado “en vuelo” (MOIRAND, 2020) de la sección “Nuestra Historia”, disponible en el sitio web de la institución. Los resultados indican que la Red *Atlas* utiliza diferentes recursos de argumentación textual para fundamentar su propuesta de mundo y expresar el punto de vista de la organización. Concluimos que los valores neoliberales explícitos buscan influir en el interlocutor para adherirse al nuevo neoliberalismo.

Palavras-clave: *Think tanks*. Discurso. Nuevo neoliberalismo. Argumentación.

The neoliberal speech promoted by *Atlas Network* and its discursive-argumentative strategy to spread the Brazilian “new neoliberalism”

The *Atlas Network* is an institution that seeks to spread the neoliberal discourse, revamped under a palatable aesthetic, called “new neoliberalism”. The objective of this article is to identify and analyze textual and discursive argumentation strategies used by *Atlas Network* to compose its institutional image in defense of neoliberal thought. In the theoretical reflections concerning neoliberalism, we summon, among others, Vidal and Brum (2020) and Baggio (2016), whereas with regard to the basic notions of argumentative discourse, we rely on Charaudeau (2005; 2008; 2010). Our object of study is an example selected “in flight” (MOIRAND, 2020) from the “Our History” section, available on the institution’s website. The results indicate that the *Atlas Network* employs different textual argumentation resources to substantiate its world proposal and express the organization’s point of view. We conclude that the explicit neoliberal values seek to influence the interlocutor to adhere to the new neoliberalism.

Keywords: *Think tanks*. Speech. New neoliberalism. Argumentation.

Introdução

A proposta deste artigo é identificar e analisar estratégias textuais e discursivas de argumentação utilizadas pela Rede *Atlas Network* para construir sua imagem institucional, com destaque para a popularização de um discurso neoliberal, que ganhou espaço na política latino-americana a partir da década de 1980. Para tanto, nosso foco de análise são fragmentos selecionados “ao voo” (MOIRAND, 2020) da seção “Nossa História”, disposta no site da Instituição, de modo a realizar uma análise textual-discursiva. Para atingirmos o objetivo proposto, selecionamos os segmentos “Nossa Missão”, “Nossa Visão” e “Nossa Estratégia”, assim como o item “Nossa Abordagem”.

O presente trabalho desenvolve o estudo da *Atlas Network* como instituição central na ascensão do chamado “novo neoliberalismo” (ROCHA; KLEIN, 2018), cuja massificação foi fundamental para a chegada da extrema-direita ao poder, caracterizada, no Brasil, pelo governo de Jair Messias Bolsonaro (2019-2022). Importante ressaltar a pressão de especuladores e do capital sobre a sociedade, já com a posse de Joaquim Levy como titular da Fazenda, no segundo governo de Dilma Rousseff (2014-2016), depois tendo sequência a mesma política de “austeridade fiscal” na gestão de Michel Temer (2016-2018), sob comando do mercado financeiro, e a recente presença de Paulo Guedes como “superministro” da Economia durante o mandato de Bolsonaro.

A Rede *Atlas* aplica, no Brasil, toda a sua expertise em desestabilizar sociedades e instaurar maior domínio e acumulação do capital, em uma tentativa de liquidar a legislação social, a exemplo do Chile, de Pinochet, na era que vai de 1990 até 2019 (NEMETH; ANGELI, 2020). A chamada linha chilena, aplicação pioneira do neoliberalismo latino-americano, é anterior à fundação da *Atlas* e ao Consenso de *Washington*. Contudo, é na fusão dessas propostas, através de uma nova estética, que a *Atlas* deu seus frutos ao Brasil, aumentando o abismo e a desigualdade social no país (BAGGIO, 2016).

Apoiamo-nos, neste estudo, nos fundamentos teóricos da Teoria Semiollingüística de Discurso, de Patrick Charaudeau (2005; 2008; 2010), que reflete sobre as noções de base destinadas a fazer compreender como funciona o discurso argumentativo, porquanto, segundo o linguista (2008, p. 207), “argumentar é uma atividade que inclui numerosos procedimentos, mas o que distingue esses procedimentos daqueles de outros modos de discurso é precisamente o fato de que se inscrevem numa finalidade racionalizante [...]”. Acreditamos, diante disso, que uma análise que se volta à organização da lógica argumentativa, a partir desses elementos de base, tem potencial para dar conta de observar e analisar criticamente um fenômeno social e econômico latente.

Este artigo está organizado em sete seções. A primeira e atual seção introduz a temática da pesquisa. A segunda apresenta um sucinto histórico da *Atlas Network*. A terceira busca refletir sobre a difusão dos *think tanks* no Brasil. A quarta seção faz considerações a respeito das estratégias textuais e discursivas na construção da argumentação. A quinta, por sua vez, descreve os procedimentos metodológicos empregados neste estudo. A sexta, intitulada “Estratégias textual-discursivas de argumentação utilizadas pela *Atlas Network* para difundir o ‘novo neoliberalismo’ brasileiro”, destina-se à análise. Por fim, a sétima e última seção intenta realizar as considerações finais com base nos resultados encontrados.

1. Um breve histórico da *Atlas Network*

Fundada em 1981 pelo empresário britânico e entusiasta da revolução conservadora inglesa, Antony Fisher, a *Atlas Economic Research Foundation (Atlas Network)* conta, atualmente, mais de 500 parceiros, em quase 100 países, conforme dados disponíveis no próprio site da instituição¹. Na América Latina, a Fundação possui filiais no Brasil, Argentina, Chile, Peru, México, Costa Rica, Uruguai, Venezuela, Bolívia, Guatemala, Equador, Colômbia, Panamá e Honduras.

Segundo informações divulgadas no site da *Atlas Network*², Fisher foi um criador de galinhas que fez fortuna com a primeira granja industrial do Reino Unido. Notório defensor do liberalismo econômico³, criou o *Institute of Economic Affairs (IEA)*, em Londres, que serviu de base para as políticas liberais e conservadoras de Margareth Thatcher (1979-1990), bem como, posteriormente, para a criação da organização.

Com a proposta de difundir o pensamento neoliberal, a *Atlas* atua formando o que chama de “rede de organizações parceiras independentes que promovem a liberdade individual”⁴. A proposta é a difusão do neoliberalismo na esfera do senso comum da sociedade, para ocupar espaços importantes da opinião pública (BAGGIO, 2016). Para atingir essa finalidade, ao longo de quatro décadas de atuação, a *Atlas* impulsionou o desenvolvimento de diversos *think tanks*⁵ (organizações políticas travestidas como institutos independentes), além de investir na formação de jovens lideranças em todo o mundo, atuando como uma rede de coordenação dessas instituições (VIDAL; BRUM, 2020).

¹ *Atlas Network*. Parceiros. Disponível em: <https://www.atlasnetwork.org/partners/global-directory/latin-america-and-caribbean>.

² *Atlas Network*. Nossa História. Disponível em: <https://www.atlasnetwork.org/about/our-story>.

³ Baseamo-nos no conceito utilizado por Moraes, 2004, no qual o liberalismo se opõe a qualquer intervenção do Estado e coloca o indivíduo como célula elementar da sociedade.

⁴ *Atlas Network*. Nossa História. Disponível em: <https://www.atlasnetwork.org/about/our-story>.

⁵ “Definimos los think tanks como unidades que combinan módulos de conocimiento experto, consulta, lobby o apoyo activo” (FISCHER; PLEHWE, 2013, p. 74).

A *Atlas Network Academy*⁶ está entre os principais programas desenvolvidos pela *Atlas*, com a promoção de treinamentos que incluem Comunicação e Marketing, Captação de Recursos e Desenvolvimento de Lideranças. São diversos programas educacionais promovidos pela instituição com o objetivo de formar líderes regionais que promovam o discurso neoliberal em diferentes frentes políticas. Do mesmo modo, a Rede *Atlas* promove os chamados “Fórum da Liberdade Regionais” para impulsionar *think tanks* associados, grupos conservadores e defensores do livre mercado, em diversos países.

Desse modo, os “empreendedores comunicacionais” formados pela instituição são considerados como porta-vozes das ideias-guia da *Atlas Network* (VIDAL; BRUM, 2020). Uma possibilidade é alçar voo na carreira política, opção facilitada pelo advento das redes sociais sob controle empresarial, somada à possibilidade de comprar espaços cibernéticos impulsionados pelos algoritmos. A história recente brasileira, em uma cronologia, justamente iniciada com Joaquim Levy no Ministério da Fazenda (2015), demonstra cabalmente a eficiência das táticas de promoção da *Atlas*. Segundo o Relatório Anual de 2021⁷, a instituição destinou mais de dois milhões de dólares (mais precisamente US\$2,126,781) para eventos, projetos e capacitação de pessoal na América Latina e Caribe. Ainda de acordo com esse documento, a receita da *Atlas* em 2021 foi superior a 18 milhões de dólares (US\$18,161).

A projeção da juventude estudantil neoliberal, que tem por base o modelo estadunidense de formação dos empreendedores comunicacionais (por meio do trabalho de arregimentação dos *think tanks* conservadores), passa a impactar significativamente no Brasil, a partir da segunda década do século XXI, de acordo com o site da própria *Atlas*⁸. A ampliação dessas vozes e o processo de legitimação neoliberal, tanto através das mídias convencionais como sua popularização via redes sociais, dará uma nova roupagem e estética para a doutrina propagada pela instituição⁹, sendo massificada em atos públicos da nova direita, bem como na difusão de vídeos e demais recursos possibilitados pela comunicação digital (AMARAL, 2015).

2. Apontamentos sobre a difusão dos *think tanks* no Brasil

O neoliberalismo manifesta-se como uma doutrina contrária ao socialismo, pois promove os direitos individuais em detrimento do coletivo e preconiza a mínima intervenção do Estado na economia (NEDER, 2019). Gestado no período entre o craque da Bolsa de Valores de Nova Iorque,

⁶ *Atlas Network Academy*. Disponível em: <https://www.atlasnetwork.org/academy>.

⁷ *Atlas Network*. Annual Report 2021. Disponível em: https://admin.atlasnetwork.org/assets/documents/financials/AtNet2021AnnualReport_Digital_sprd.pdf.

⁸ *Atlas Network*. *Students For Liberty Plays Strong Role In Free Brazil Movement*. Disponível em: <https://www.atlasnetwork.org/articles/students-for-liberty.-plays-strong-role-in-free-brazil-movement>.

⁹ AMARAL, Marina. A nova roupa da direita [Pública]. São Paulo, 2015. Disponível em: <https://apublica.org/2015/06/a-nova-roupa-da-direita/>.

em 1929, e a Segunda Guerra Mundial, o pensamento neoliberal se apõe, sobretudo, ao planejamento econômico e a tributação como garantia de direitos sociais, bem como o endividamento para sustentar políticas públicas e industriais (VIDAL; BRUM, 2020). O adversário direto não é a esquerda em si, mas o conjunto de propostas socialistas radicalizadas, a vertente do socialismo real ou de Estado (no antigo Leste Europeu) da social-democracia (na Europa ocidental, em especial nos chamados trinta anos gloriosos do pós-Guerra), e tudo o que deriva do *New Deal* (NEDER, 2019). Nesse sentido, o paradigma “anti-neoliberal” são os acordos promovidos pelos seguidos governos de Franklin Delano Roosevelt para recriar o pacto social dos Estados Unidos e garantir o ciclo virtuoso de aquecimento da economia visando o pleno emprego dos Estados Unidos. Segundo Neder (2019), por consequência, todas as vertentes de Estado de Bem-Estar Social ou Estado Nacional Desenvolvimentistas são vistas como “inimigas da liberdade”.

Dessa forma, o neoliberalismo defende políticas de liberalização econômica, privatizações, desregulamentação, livre comércio, corte de despesas governamentais para aumentar a participação privada na economia, entre outras propostas. De acordo com Araldi e Svartman (2019, p. 321), “a primeira síntese político-estratégica do pensamento neoliberal foi criada pelos economistas Friedrich von Hayek e Milton Friedman, em 1945”. Jones (2012), citado por Araldi e Svartman (2019, p. 322), divide o neoliberalismo em três momentos: de 1920 a 1950, como resposta à crise financeira da década de 1930; a partir de 1979, com destaque para as eleições de Ronald Reagan, nos Estados Unidos, e Margaret Thatcher, na Grã-Bretanha; a partir da década de 1990, com um avanço na discussão do livre mercado, em especial pelo Fundo Monetário Internacional (FMI), Banco Mundial e Organização Mundial do Comércio (OMC). Nesse sentido, ressaltamos a política neoliberal praticada durante a ditadura chilena, sob o regime de Augusto Pinochet (1973-1990), a qual, alinhada à Universidade de Chicago, serviu como um teste do modelo econômico para a região (MARTINEZ, 2020). No modelo de Pinochet e sua equipe econômica (por sinal, muito próxima ao de Paulo Guedes, sendo ele próprio um Chicago Boy, com doutorado em economia pela Universidade de Chicago), os direitos sociais inexistem, nem os mais básicos como moradia e saúde, e todo o “gasto” social é quantificável (MARTINEZ, 2020). Não é por acaso que críticas à chamada “linha chilena” estiveram presentes na escalada de protestos pelas ruas de Santiago e demais cidades, no Chile, no segundo semestre de 2019, em gigantescas convocatórias para uma nova constituinte no país¹⁰ (PAUL, 2019).

Para impulsionar a liberdade econômica na América Latina, economistas, empresários e políticos defensores do neoliberalismo reuniram-se, em 1989, na capital dos EUA, para propor uma série de recomendações, tais como abertura econômica e comercial, aplicação da economia

¹⁰ *Protestas en Chile: 4 claves para entender la furia y el estallido social en el país sudamericano*. Disponível em: <https://www.bbc.com/mundo/noticias-america-latina-50115798>.

de mercado e controle fiscal macroeconômico. O encontro ficou conhecido como Consenso de Washington¹¹, e seus preceitos transformaram-se em uma espécie de receituário para a execução de políticas neoliberais em toda a região latino-americana (NEDER, 2019). Praticamente todo o debate sobre o desmonte do Estado Nacional Desenvolvimentista latino-americano cita como base esse “consenso” que, na prática, representa a perda de capacidade dos poderes nacionais constituídos em cada país de controlar seus instrumentos de política econômica (VIDAL; BRUM, 2020).

Desde então, o discurso neoliberal vem sendo amplamente trabalhado por diversos institutos espalhados pela América Latina, com o intuito de disseminar esse modelo econômico conservador (BAGGIO, 2016). Fischer e Plehwe (2013, p. 74-75) definem os *think tanks* “como unidades que combinam módulos de conhecimento especializado, consultoria, lobby ou suporte ativo”¹², que unem interesses políticos, acadêmicos e econômicos para ampliar os seus ideais e, assim, influenciar diretamente nas políticas públicas dos países em desenvolvimento.

Com base nesses conceitos da economia de mercado e livre iniciativa, os *think tanks* associados à Rede *Atlas* seguem defendendo sua agenda tradicional (VIDAL; BRUM, 2020), com destaque para as temáticas educação, ações anticorrupção e insegurança. Entretanto, sua principal preocupação é “[...] a ‘ascensão do populismo’ e a ‘tendência ao intervencionismo’”¹³ (FISCHER; PLEHWE, 2013, p. 85), vistas pelos defensores do neoliberalismo como ameaças à democracia.

Não há dúvida de que o ressurgimento da esquerda gerou uma crise na direita neoliberal: especialistas do setor percebem um sério desafio nos movimentos sociais e nos governos de esquerda latino-americanos que atuam contra a corrente dos tradicionais núcleos eleitorais da América Latina, e conseguiram (re)colocar o social no centro do debate político. (FISCHER; PLEHWE, 2013, p. 85, tradução nossa).

É notável a habilidade dos *think tanks* de influenciar a elaboração de políticas públicas. De acordo com Vidal e Brum (2020), toda essa capacidade está relacionada, principalmente, à maneira como agentes políticos e governos recebem e utilizam os manuais produzidos por essas instituições. Esse modelo ou “receituário” neoliberal apresenta um discurso padrão, elaborado para ampliar a comunicação com ocupantes de postos de mando, postulantes a cargos eletivos e com a sociedade em geral (BAGGIO, 2016). Para atingir pessoas comuns, aspirações legítimas populares como liberdade individual, defesa do patrimônio ou até mesmo liberdade religiosa são

¹¹ Os principais ideólogos do neoliberalismo são: Ludwig Heinrich Edler Von Mises (1881-1973), Friedrich August Von Hayek (1899-1992), Milton Friedman (1912-2007), Karl Raimund Popper (1902-1994) e Lionel Charles Robbins (1898-1984), partidários que se associam para combater o socialismo, o solidarismo e o Estado do bem-estar social. Afirmam a liberdade econômica e política como absolutas, que se regerem pelo funcionamento dos mecanismos de mercado. A cartilha desse ideário está consignada no Consenso de Washington (1989) (PETRY, 2008).

¹² Tradução nossa.

¹³ Tradução nossa.

manipuladas, para convencer pelo discurso. Do mesmo modo agem os maiores grupos de mídia brasileiros, que reproduzem o “consenso” gerado em Washington (VIDAL; BRUM, 2020) sem promover o debate de ideias dentro das editorias de economia.

Desse modo, “a prática comum é que governantes e/ou formuladores de política se aproximem ou façam parte dos *think tanks* que mais se alinham às suas ideias” (ARALDI; SVARTMAN, 2019, p. 323), de forma que esses membros operem como “portas giratórias”, que entram e saem de quadros governamentais, gabinetes parlamentares, cargos de destaque em instituições acadêmicas, funções de grande visibilidade nos aparelhos midiáticos e, não raro, em instituições financeiras, conselhos de administração de fundos especulativos e todo o universo que gira em torno do capital financeiro (VIDAL; BRUM, 2020). Todo esse *modus operandi* é bastante frequente no cotidiano político estadunidense e é notável sua reprodução, também no contexto brasileiro (ARALDI; SVARTMAN, 2019).

No Brasil, as novas direitas neoliberais (considerando que o neoliberalismo tem presença em elites políticas, empresariais, comunicacionais e acadêmicas) apoiaram o golpe contra a presidenta democraticamente eleita, Dilma Rousseff (BAGGIO, 2016), com destaque para o Movimento Brasil Livre (MBL). Segundo Rocha e Klein (2018, p. 94), esse movimento repaginou o neoliberalismo, alocando uma nova estética, de mobilização de massas (embora ordeira e adutora do aparato repressivo) e de engajamento lúdico (através de coreografias de rua ou “divertidos” vídeos debochados). Outras agrupações de menor expressividade participaram do golpe parlamentar atuando como empresas de marketing digital, como o “Vem Pra Rua” e o “Revoltados Online”. Lembramos que, durante todo o processo de destituição da presidenta Dilma, esses grupos uniram-se à elite conservadora do país na organização de manifestações pelas principais cidades brasileiras (ROCHA; KLEIN, 2018). O MBL, que se dizia apartidário e sem vínculo financeiro com organizações ou partidos, conseguiu eleger oito dos 45 candidatos que apoiou nas eleições de 2016¹⁴ (a maioria pelo PSDB e DEM). Ainda em 2016, áudios veiculados pela imprensa brasileira divulgaram que os atos promovidos pelo MBL foram financiados por partidos¹⁵ (na lista estavam DEM, PSDB, Solidariedade e, à época, PMDB). De acordo com Rocha e Klein (2018, p. 94),

Um dos integrantes do MBL é também colaborador da rede Estudantes pela Liberdade, uma organização da sociedade civil de interesse público (Oscip) que segue a agenda da Students for Liberty, instituição financiada pelos irmãos Charles e David Koch. O próprio site do MBL indicava

¹⁴ MBL elegeu oito de seus 45 candidatos. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/mbl-elegeu-oito-de-seus-45-candidatos/>.

¹⁵ Áudios mostram que partidos financiaram MBL em atos pró-impeachment. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2016/05/27/maquina-de-partidos-foi-utilizada-em-atos-pro-impeachment-diz-lider-do-mbl.htm>.

as Organizações Koch como apoiador do projeto (a página foi reformulada e não mostra mais quem são seus financiadores) (ROCHA; KLEIN, 2018, p. 94).

Outro importante *think tank* sediado no país, o *Students for Liberty Brasil*, que se intitula como “a maior organização estudantil pró-liberdade do mundo”, informa em seu site¹⁶ já ter elegido sete “alunos” em cargos políticos no Brasil, além de ter quatro membros listados na Forbes 30¹⁷ (segundo o site da revista a lista Forbes 30 “destaca os mais brilhantes empreendedores, criadores e *game-changers* de até 30 anos que revolucionam os negócios e transformam o mundo”).

É importante ressaltar que toda a capacidade de reformulação do neoliberalismo, além de praticamente colonizar o debate econômico (sob sequestro da pauta dos especuladores), traz ao Brasil, com a chegada dos *think tanks* derivados da Rede Atlas, um novo modelo de negócios e gestão de carreiras (VIDAL; BRUM, 2020). Agitadores das novas direitas neoliberais concorrem e conseguem cargos eletivos, ainda que com atuações pífiás e ínfima participação direta no Poder Executivo. Como essas novas direitas são também neoconservadoras¹⁸, isto é, alegam defender uma suposta tradição de modelo de família e costumes sociais, a tendência é a massificação do modelo (BAGGIO, 2016), com inclinações para a extrema-direita, como ocorreu no governo de Jair Messias Bolsonaro. O novo neoliberalismo¹⁹ massificou ideias doutrinárias travestidas de guerra cultural em defesa do indivíduo (ROCHA; KLEIN, 2018) e marchou lado a lado com o protofascismo brasileiro, especialmente com a presença de Paulo Guedes como superministro da Economia de Bolsonaro .

Admitimos que a definição que segue dá conta de expor o conceito de novo neoliberalismo, com o grau de profundidade suficiente para este estudo. Conforme Dardot e Laval (2019):

O que aqui chamamos de novo neoliberalismo é uma versão original da racionalidade neoliberal na medida em que adotou abertamente o paradigma da guerra contra a população, apoiando-se, para se legitimar, na cólera dessa mesma população e invocando, inclusive, uma soberania popular dirigida contra as elites, contra a globalização ou contra a União Europeia, de acordo com os casos. (DARDOT; LAVAL, 2019, [s/p]).

Trata-se de uma variação contemporânea do poder neoliberal, com caráter populista de direita, para ampliar a subordinação da sociedade para o capital de forma absoluta (NEMETH; ANGELI, 2020). Em termos estratégicos, de acordo com Nemeth e Angeli (2020), o neoliberalismo ajudou a aprofundar a crise da democracia liberal-social, e o novo neoliberalismo

¹⁶ *Students for Liberty*. Disponível em: <https://studentsforliberty.org/brazil/>

¹⁷ Forbes 30. Disponível em: <https://www.forbes.com.br/under30>

¹⁸ A nova roupa da direita. Disponível em: <https://apublica.org/2015/06/a-nova-roupa-da-direita/>.

¹⁹ Anatomia do novo neoliberalismo. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/78noticias/591075-anatomia-do-novo-neoliberalismo-artigo-de-pierre-dardot-e-christian-laval>.

aproveita-se daquilo que ajudou a criar, ampliando as capacidades de domínio e tentativa de subordinação das sociedades.

Uma das principais ferramentas do novo neoliberalismo é a difusão de suas agendas em larga escala (NEMETH; ANGELI, 2020). Assim, a Rede *Atlas* internacionaliza políticas neoliberais, contribuindo, inclusive, com reformas políticas e econômicas, especialmente na América Latina (VIDAL; BRUM, 2020). Desse modo é possível engajar uma parcela da população, construindo argumentos favoráveis as suas pautas em nome da “liberdade econômica”, conforme trataremos nas próximas seções.

3. Considerações sobre as estratégias textuais e discursivas na construção da argumentação

A argumentação situa-se no centro da concepção antiga da retórica. Conforme Charaudeau e Maingueneau (2016), após um declínio da retórica e o crescimento de certas formas de cientificismo, os estudos de argumentação foram refundados por Perelman e Olbrechts-Tyteca (1970), Toulmin (1958), Grize (1970), Ducrot (1970), entre outros.

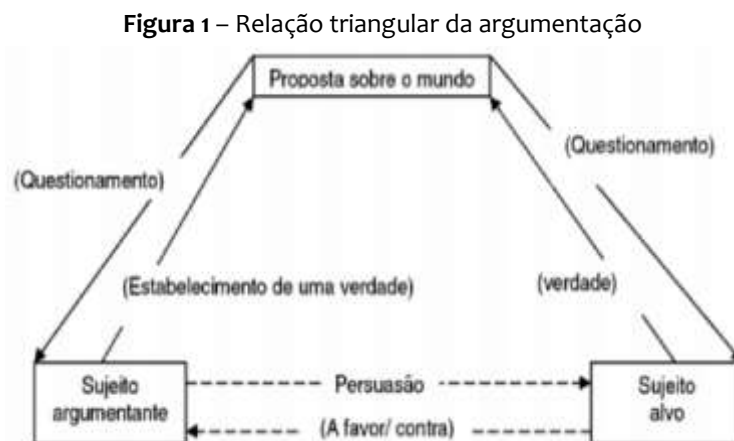
A nova retórica, de Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005), acredita que “toda argumentação visa à adesão dos espíritos” (p. 16), com vistas a persuadir o público-alvo sobre a tese defendida, mas, para isso, o orador necessita conhecer e adaptar-se às características de seu auditório. Essa concepção teórica da argumentação defende a razão como aliada ao poder de persuasão, porquanto “o importante [...] não é saber o que o próprio orador considera verdadeiro ou probatório, mas qual é o parecer daqueles a quem ela se dirige” (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p. 26).

O discurso argumentativo, por conseguinte, foi caracterizado de modo intradiscursivo devido às suas diferentes formas estruturais, assim como extradiscursivo pelo seu efeito perlocutório ao qual estaria vinculado (a persuasão) (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2016). Tal efeito foi colocado pela nova retórica em primeiro plano, pois, para Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005), as técnicas discursivas permitem ocasionar ou ampliar a adesão dos espíritos às teses.

Do ponto de vista linguístico-discursivo, Charaudeau (2008) apresenta o Modo de Organização Argumentativo como procedimento que permite utilizar certas categorias de língua, de acordo com a finalidade discursiva do falante, no ato de comunicação. Esse Modo, assim como os Modos Enunciativo, Descritivo e Narrativo, possui uma função de base, ou seja, um projeto de fala do locutor e um princípio de organização. Segundo o linguista (2008, p. 75), o locutor “[...] utiliza categorias de língua ordenadas nos Modos de Organização do Discurso para produzir sentido, através da configuração de um texto”. Sendo assim, ao enunciar, o locutor fala e escreve estrategicamente, de acordo com um projeto de fala específico.

O Modo de Organização Argumentativo do Discurso institui um aparelho que possibilita argumentar sob distintas maneiras e tem como função permitir ao sujeito argumentante a construção de explicações a respeito das asserções realizadas sobre o mundo, tanto as de conhecimento quanto as de experiência, em uma dupla concepção de razão demonstrativa e razão persuasiva. A razão demonstrativa baseia-se em um método pelo qual se busca firmar relações de causalidade, por meio de procedimentos da organização lógica argumentativa que estão ligados, concomitantemente, ao sentido atribuído às asserções, aos tipos de relações que as unem, assim como aos tipos de validação que as caracterizam. A razão persuasiva, por sua vez, tem como base um mecanismo que visa estabelecer a prova por intermédio dos argumentos, a fim de justificar as propostas acerca do mundo (CHARAUDEAU, 2008).

Desse modo, a argumentação pode ser definida “numa relação triangular entre um sujeito argumentante, uma proposta sobre determinado tema e um sujeito-alvo” (CHARAUDEAU, 2008, p. 205), como podemos observar na Figura 1. O sujeito argumentante é aquele que se engaja e desenvolve um raciocínio para instituir uma verdade quanto à proposta sobre o mundo, já o sujeito-alvo é a quem se dirige o argumentador com o intuito de conduzi-lo a compartilhar da mesma verdade.



Fonte: Charaudeau (2008, p. 205).

Para analisar uma manifestação discursiva é necessário relacionar a linguagem com o contexto psicossocial em que ela ocorre, considerando os diferentes papéis sociais dos sujeitos participantes do ato de comunicação, bem como as condições de produção e interpretação do discurso (CHARAUDEAU, 2008). Dessa forma, todo ato de linguagem ocorre em uma situação de comunicação concreta, na qual locutor e interlocutor inferem uma intencionalidade à comunicação, fazendo uso de certas categorias de língua para construir sentido e influenciar o outro. Consoante Patrick Charaudeau (2008, 2010), ao se inscrever em uma situação de comunicação, o sujeito de linguagem deve compor estratégias de legitimação, credibilidade e de

captação. Nessa perspectiva, o linguista (2008, p. 52) reitera que “todo o ato de linguagem resulta de um jogo entre o implícito e o explícito [...]”, considerando uma situação de discurso específica, que irá se originar dentro de um processo de produção e interpretação e que será encenado por dois sujeitos: um de fala e outro agente.

De acordo com o autor (2005), todo ato de linguagem presume uma intencionalidade por trás do enunciado, isto é, uma busca permanente de influência e poder, por parte do locutor, para compartilhar com o outro suas visões de mundo. Trata-se de um jogo de encenação, em que o discurso do falante se volta para um “fazer crer”, um “fazer saber”, um “fazer sentir” ou, ainda, um “fazer fazer”, com o objetivo de atingir o parceiro da troca. Trata-se, portanto, de uma atividade linguageira que não se preocupa com a verdade em si, mas em convencer o interlocutor sobre aquilo que é dito.

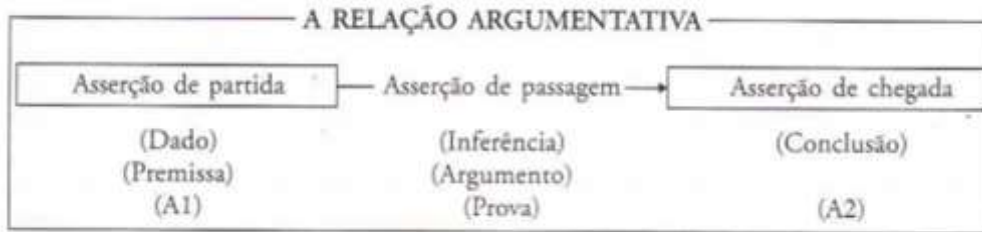
O ato de argumentar é, portanto, uma atividade discursiva que, na perspectiva do sujeito argumentante, caracteriza-se por: i) uma busca de racionalidade, a partir da experiência individual do indivíduo e das esquematizações discursivas formadoras do universo de explicação, e, por conseguinte, ii) uma busca de influência, voltando-se a um ideal de persuasão, este, conforme Charaudeau (2008, p. 206), “[...] consiste em compartilhar com o outro (interlocutor ou destinatário) um certo universo de discurso até o ponto que este último seja levado a ter as mesmas propostas [...]”.

Diante disso, nossa pesquisa debruça-se mais precisamente sobre os elementos de base da relação argumentativa relacionados à argumentação, para evidenciar as estratégias argumentativas utilizadas pela *Atlas Network*, em seu site institucional, com vistas a persuadir pelo discurso. Para tanto, é necessário compreender que toda relação argumentativa é composta pelos elementos i) asserção de partida (A1), que representa um dado ou premissa; ii) asserção de chegada (A2), que aponta uma conclusão ou resultado; e iii) uma ou mais asserções de passagem, que demonstram a defesa ou confirmação da tese apresentada pelo locutor, conforme a seguinte classificação (CHARAUDEAU, 2008, p. 209):

- Asserção de partida (A1): responsável por atribuir propriedades para descrever os seres.
- Asserção de chegada (A2): demonstra causa ou consequência de A1, sendo utilizada para legitimar a tese do locutor.
- Asserção de passagem: trata-se de uma relação de causalidade que une A1 e A2, representando o universo de crenças do locutor.

Para evidenciar a relação argumentativa, Charaudeau (2008) propõe o quadro a seguir:

Figura 2 – A relação argumentativa proposta por Charaudeau (2008)



Fonte: Charaudeau (2008, p. 210).

Nessa perspectiva, ao compartilhar um posicionamento, o locutor também deve demonstrar provas que validem seus argumentos para, assim, influenciar o outro a aderir a seu discurso (as asserções de passagem justificam a A2).

À vista disso, a relação argumentativa evidencia a argumentação como uma atividade discursiva que se ocupa em fazer o outro crer no que é dito. Assim, tal construção depende das relações de sentido entre as asserções, assim como das condições lógicas entre A1 e A2. Trata-se, portanto, de uma prática argumentativa situada, que organiza o discurso em torno das propostas de mundo do locutor, manifestado neste estudo pela figura da Rede Atlas.

4. Metodologia

Dado o objetivo desta pesquisa de identificar e analisar estratégias textuais e discursivas de argumentação utilizadas pela *Atlas Network* para compor sua imagem institucional em defesa do “novo neoliberalismo” brasileiro, selecionamos “ao voo”²⁰ (MOIRAND, 2020) segmentos da seção “Nossa História”, disposta em seu site, com o intuito de realizar uma análise textual-discursiva. O nosso objeto de investigação pode ser definido como aquele coletado pelo filtro do próprio pesquisador, a partir da representatividade dos dados, evidenciada, nesse caso, por marcas textual-discursivas, em relação ao objetivo principal do estudo.

O site da *Atlas Network*²¹ está disponível em língua inglesa e apresenta as abas “Sobre”, “Parceiros”, “Treinamentos”, “Reconhecimentos+Prêmios”, “Notícias+Análise”, “Mídia”, “Eventos” e “Apoio”²². Cada aba possui diversas seções, que abrem uma nova página.

²⁰ Para Moirand (2020, p. 23), “É o caso, por exemplo, das expressões linguageiras coletadas pelo pesquisador durante as próprias leituras ou viagens pessoais, e o que ele ouve na rua, nos meios de transporte, nas lojas, nas salas de espera, etc.”.

²¹ *Atlas Network*. Disponível em: <https://www.atlasnetwork.org/>.

²² Tradução nossa.

Entretanto, neste estudo, nosso recorte se concentrará em segmentos da seção “Nossa História” (que pertence à aba “Sobre”).

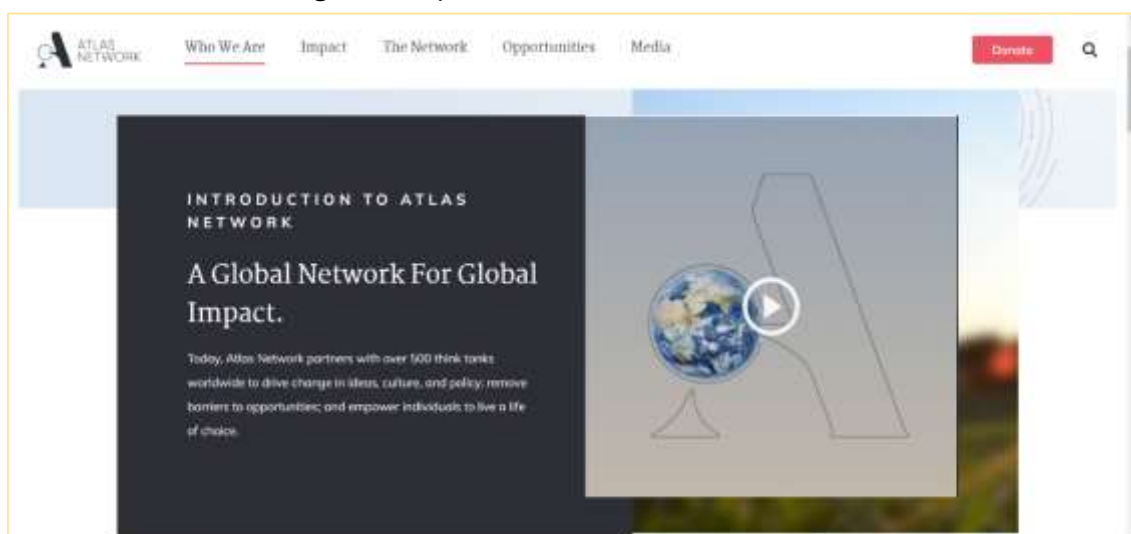
Seguiremos, nesse sentido, esta ordem de análise: a) apresentação da situação de comunicação; b) identificação de marcas textuais de argumentação; c) verificação de como ocorre a relação argumentativa dos segmentos analisados.

5. Estratégias textuais-discursivas de argumentação utilizadas pela Atlas Network para difundir o “novo neoliberalismo” brasileiro

Os parceiros envolvidos na situação de comunicação (CHARAUDEAU, 2008) são, de um lado, a organização *Atlas Network* como locutora do ato de comunicação, tendo como objetivo o alcance de um amplo número de pessoas, e, de outro, o público que acessa o seu site, que representa os interlocutores. O propósito da seção “Nossa História” é apresentar quem é a *Atlas Network*, assim como, por meio da exibição da missão, da visão e da estratégia, fazer com que o interlocutor adira ao “novo neoliberalismo” (DARDOT; LAVAL, 2019) defendido pela empresa.

Ao abrir o item “Nossa História”²³, já no topo da página, há um vídeo intitulado como “Uma introdução à *Atlas Network*” e, ao lado, o seguinte texto: “Uma Rede Global Para Impacto Global. Hoje, a *Atlas Network* é parceira de mais de 500 *think tanks* em todo o mundo para promover mudanças em ideias, cultura e políticas; remover barreiras às oportunidades; e capacitar os indivíduos a viver uma vida de escolha”²⁴ (Fig. 3), conforme Figura 3.

Figura 3 – Captura de tela da aba “Nossa História”



Fonte: Atlas Network (2023).

²³ Tradução nossa.

²⁴ Tradução nossa.

O primeiro texto verbal apresentado está disposto ao lado do vídeo. Nele, podemos perceber a intenção argumentativa (CHARAUDEAU, 2005) do locutor de atribuir relevância ao papel global da *Atlas*, pois ele busca colocar em evidência o número expressivo de *think tanks* parceiros ao afirmar: “Hoje, a *Atlas Network* é parceira de mais de 500 *think tanks* em todo o mundo”. Da mesma forma, por intermédio de verbos e seus objetos “promover mudanças”, “remover barreiras” e “capacitar os indivíduos” antecedidos do articulador “para”, intenta apresentar positivamente o propósito da Instituição. Tais estratégias textuais ratificam o pensamento trazido por Vidal e Brum (2020) de que uma das principais ferramentas do novo neoliberalismo é a utilização de termos e expressões voltadas ao convencimento do público-alvo às ideias neoliberais para, assim, garantir a disseminação global desses ideais.

O pequeno texto supracitado dialoga com o conteúdo do vídeo que está disponível para visualização dentro do próprio site, no qual há depoimentos de sócios e membros da diretoria, em concomitância com imagens de trabalho ao redor do mundo em diferentes realidades e de crianças brincando e estudando, em que se pode identificar em todas as falas a expressão “liberdade individual”. Essa expressão repetida por diferentes vozes no texto audiovisual é utilizada como recurso argumentativo para convencer o interlocutor a aderir à ideia neoliberal ali defendida (fazer crer) (CHARAUDEAU, 2005).

Logo abaixo do vídeo apresentado no site, dois segmentos aparecem em destaque (em letras maiores e destacadas na cor azul), conforme seguem:

Acreditamos na dedicação de nossa equipe, nas ideias de nossos parceiros e no compromisso de nossos doadores em ter um tremendo impacto no movimento mundial pela liberdade.

A Atlas Network não recebe fundos de nenhuma instituição governamental ou semigovernamental. Desde sua fundação e de acordo com seus estatutos, a Atlas Network tem contado exclusivamente com doações voluntárias daqueles que apreciam os princípios de uma sociedade livre²⁵.

A escolha pelo pronome possessivo “nosso”, utilizado três vezes no primeiro período, é uma estratégia argumentativa dêitica usada para aproximar o indivíduo comum à instituição, na intenção de que o interlocutor acredite que os “parceiros”, os doadores e a equipe realmente integrem aquele grupo. Cabe ressaltar que as “doações voluntárias” incluem poderosos conglomerados econômicos (VIDAL; BRUM, 2020, p. 115), como os irmãos Koch e as gigantes Exxon Mobil, MasterCard, Philip Morris, Pfizer, Shell, entre outras organizações privadas vinculadas ao governo americano.

²⁵ Tradução nossa.

Na sequência, o site mostra os campos “Nossa Missão”, “Nossa Visão” e “Nossa Estratégia”²⁶, e contextualiza, brevemente, os valores explicitamente neoliberais compartilhados pela Atlas:

Nossa missão: A Atlas Network aumenta a prosperidade global fortalecendo uma rede de organizações parceiras independentes que promovem a liberdade individual e estão comprometidas em identificar e remover barreiras ao florescimento humano.

Nossa visão: Nossa visão é de um mundo livre, próspero e pacífico, onde os princípios da liberdade individual, direitos de propriedade, governo limitado e mercados livres são garantidos pelo Estado de Direito.

Nossa estratégia: A Atlas Network cultiva uma rede de parceiros que compartilham essa visão. Para acelerar o ritmo de realização de nossos parceiros em suas comunidades locais, o exclusivo programa “Treine, Compita, Comemore!” modelo estratégico inspira nossos parceiros a melhorar o desempenho e alcançar resultados extraordinários.

De início, já nos chama a atenção a ausência do termo *think tanks* no site da Atlas: em seu lugar utilizam “organizações parceiras” e “nossos parceiros” para referir-se às instituições ligadas à Rede Atlas²⁷. A construção discursiva dessas seções aponta para uma imagem positiva da organização, com destaque para os verbos “aumenta”, “fortalecendo”, “promovem”, “estão comprometidas” e “cultiva”. Os termos “melhorar o desempenho” e “alcançar resultados extraordinários” atestam a promoção de um discurso otimista, em uma tentativa de provocar boas sensações nos interlocutores (fazer sentir, conforme CHARAUDEAU, 2005) para que, assim, eles desejem fazer parte dessa rede (VIDAL; BRUM, 2020).

Essa construção enunciativa (CHARAUDEAU, 2008) também evidencia a ausência de proteção social ou quaisquer medidas que impliquem o coletivo (VIDAL; BRUM, 2020). Ao promover a prosperidade, o texto não menciona a redução da desigualdade, mas, pelo contrário, propõe a acumulação infinita: “A Atlas Network aumenta a prosperidade global fortalecendo uma rede de organizações parceiras independentes que promovem a liberdade individual [...]”. Inclusive, o incentivo à competição como estímulo da concorrência simplesmente ignora as condições reais de desenvolvimento de indústrias-chave, como a aeroespacial, a cibernética, de óleo e gás e outras tantas que dependem diretamente de planejamento econômico e do financiamento estatal (VIDAL; BRUM, 2020).

Na sequência, o site apresenta os perfis “Treinador”, “Compita” e “Comemore”²⁸ para explicar como funciona o “modelo estratégico” desenvolvido pela instituição, baseado, visivelmente, na competição e na premiação dos associados. Posteriormente, o site traz um

²⁶ Tradução nossa.

²⁷ Outros segmentos de textos dispostos no site utilizam o termo *think tanks*. Entretanto, em função de nosso recorte para esta análise, não foi possível abordar o texto completo da aba “Nossa História”.

²⁸ Tradução nossa.

breve histórico da *Atlas*, com uma enorme fotografia do fundador, Antony Fisher. Trata-se do modelo capitalista de idolatrar os “vencedores” (VIDAL; BRUM, 2020), como se a complexidade da vida em sociedade fosse similar a um jogo de competição ou a um esporte escolar.

A seguir, o site mostra o item “Nossa Abordagem”²⁹:

O modelo ‘Coach, Compita, Celebre’ da *Atlas Network* - *coaching* por meio de programas de treinamento, promovendo competição amigável por meio de doações e prêmios e, em seguida, celebrando as conquistas dos parceiros em nossos eventos de classe mundial - inspira níveis mais elevados de inovação e eficácia em todo o movimento pela liberdade.

O léxico aqui utilizado também revela a representação positiva que a empresa faz de si, principalmente por tentar convencer os interlocutores de que a linha adotada pela *Atlas* é benéfica para os “parceiros”. Segundo o Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa (2022), a palavra “competição” representa a luta pela existência ou uma disputa entre duas ou mais pessoas por algum prêmio ou vantagem. Desse modo, considera-se que em uma disputa alguém sairá ganhando e outro perdendo, logo, representa a concorrência entre indivíduos. Entretanto, o texto da *Atlas* utiliza a expressão qualificadora “competição amigável” a fim de alterar o peso semântico da expressão.

A atividade discursiva realizada pela *Atlas Network* nas seções aqui demonstradas busca, com base em seus valores neoliberais verbalizados nas esquematizações discursivas (CHARAUDEAU, 2008), influenciar o seu interlocutor, levando-o a acreditar e defender o “novo neoliberalismo” (DARDOT; LAVAL, 2019). A difusão dessa agenda, em diversas sociedades, tem por objetivo influenciar a política econômica, de modo que “os preceitos neoliberais sejam vistos sob a aparência da inevitabilidade” (VIDAL; BRUM, 2020, p. 115), sempre em nome da “livre iniciativa, do livre mercado, do empreendedorismo, da responsabilidade individual, da propriedade privada, das liberdades individuais, da meritocracia e da limitação de ação dos governos”, conforme aponta Baggio (2016).

Para verificar como ocorre a relação argumentativa (CHARAUDEAU, 2008) dos trechos destacados anteriormente, organizamos os Quadros 1 e 2.

Quadro 1 – Asserções de partida e chegada (aba “Nossa História”)

Asserção de partida (A1)	Asserção de chegada (A2)
“Nossa visão é de um mundo livre, próspero e pacífico, onde os princípios da liberdade individual, direitos de propriedade, governo limitado e mercados livres são garantidos pelo Estado de Direito”.	“Acreditamos na dedicação de nossa equipe, nas ideias de nossos parceiros e no compromisso de nossos doadores em ter um tremendo impacto no movimento mundial pela liberdade”.

²⁹ Tradução nossa.

Fonte: Elaboração dos autores, com base em Charaudeau (2008).

Quadro 2 – Asserções de passagem (aba “Nossa História”)

Asserções de passagem
“A Atlas Network não recebe fundos de nenhuma instituição governamental ou quase governamental. Desde sua fundação e de acordo com seus estatutos, a Atlas Network tem contado exclusivamente com doações voluntárias daqueles que apreciam os princípios de uma sociedade livre”.
“A Atlas Network cultiva uma rede de parceiros que compartilham essa visão. Para acelerar o ritmo de realização de nossos parceiros em suas comunidades locais, o exclusivo programa “Treine, Compita, Comemore!” modelo estratégico inspira nossos parceiros a melhorar o desempenho e alcançar resultados extraordinários”.
“A Atlas Network aumenta a prosperidade global fortalecendo uma rede de organizações parceiras independentes que promovem a liberdade individual e estão comprometidas em identificar e remover barreiras ao florescimento humano”.

Fonte: elaborado pelos autores (2023), com base em Charaudeau (2008).

As asserções de passagem evidenciam, de forma explícita, a tese defendida pelo locutor (através do site institucional da *Atlas Network*), que tenta justificar a premissa “por um movimento mundial pela liberdade”. Na construção desse discurso, a Rede *Atlas* exprime uma razão persuasiva (CHARAUDEAU, 2008) ao empregar argumentos favoráveis aos preceitos básicos neoliberais, como o livre mercado, a competição individual, a meritocracia, a negação do Estado, entre outros, utilizando tais justificativas para reforçar a visão de mundo da organização, em defesa do neoliberalismo e da manutenção de uma classe dominante (VIDAL; BRUM, 2020). Identificamos também, nessas asserções, a ocorrência da razão demonstrativa (CHARAUDEAU, 2008), em uma tentativa de construir relações de causalidade entre as asserções para validá-las e, assim, justificar o modelo defendido pela instituição em nome da “liberdade” e da “prosperidade global”.

O “ambiente corporativo” manifestado no site da *Atlas* não traz dimensões críticas de nenhuma espécie. Ao fazer a analogia do mundo do trabalho no capitalismo com o mundo da vida, a categoria cultura inexistente e o conceito de classe menos ainda (KAYSER, 2018). Logo, parece que não há vida em sociedade, mas um agrupamento de indivíduos egoístas, que devem ser pacíficos para garantir o monopólio da força por um aparelho repressivo, sob controle legislativo desses mesmos *lobbies* (VIDAL; BRUM, 2020). A “fábula” neoliberal não tem nem historicidade e tampouco dimensão social, portanto, aparece como pura afirmação doutrinária (BAGGIO, 2016), travestida de propaganda. O locutor, aqui representado pela Rede *Atlas*, retrata, portanto, nos segmentos analisados, uma busca de influência voltada a um ideal de persuasão (CHARAUDEAU, 2008): o novo neoliberalismo.

Considerações finais

Em nossa pesquisa, que tinha como foco central identificar e analisar estratégias textuais e discursivas de argumentação utilizadas pela *Atlas Network* para compor sua imagem institucional (responsável por influenciar diferentes representantes políticos das novas direitas brasileiras), pudemos verificar diferentes recursos linguístico-discursivos utilizados nos segmentos analisados. Alguns deles são formas lexicais e expressões qualificadoras, que têm por objetivo defender a proposta neoliberal apresentada; pronomes possessivos na primeira pessoa do plural, com vistas a aproximar o interlocutor da Instituição e incluí-lo em seus objetivos neoliberais; verbos no presente do indicativo, os quais apresentam ações da *Atlas* e evidenciam a promoção de um discurso otimista em relação à instituição e às ideias defendidas por ela.

Os conceitos propagados, o léxico empregado e as formas de difusão dos conteúdos promovidos pela *Atlas Network*, aqui analisados, apontam para uma construção discursivo-argumentativa positiva do neoliberalismo, demonstrada por meio de argumentos de razão persuasiva e demonstrativa, que são utilizados para justificar as propostas e atingir o projeto de fala da instituição. Ao compartilhar tal visão de mundo com indivíduos comuns, a *Atlas* promove o discurso neoliberal como solução para o capitalismo moderno, em especial na sua disseminação popular. Entretanto, a defesa da acumulação ilimitada de capital e a confusão proposital entre “governo limitado” e “presença do Estado na vida em sociedade” leva os interlocutores a confundirem planejamento econômico com ditadura ou controle social sobre as escolhas privadas da cidadania.

Os efeitos desse tipo de propaganda doutrinária, no Brasil, a partir da crise política de 2015 (e permanente até então, mesmo após a derrota eleitoral da extrema-direita no segundo turno de 2022) podem ser devastadores, sendo diretamente relacionados com a ascensão da extrema-direita por meio da aliança entre neoconservadores e neoliberais que, sob estética renovada, atendem pelo constructo de novo neoliberalismo. No que diz respeito à estética e às formas de difusão, ao aderirem à cultura das redes e à propaganda digital, essa nova roupagem torna, aparentemente, os seus discursos mais palatáveis, como pudemos observar nos segmentos analisados.

Em termos socialmente concretos, o mundo da vida depara-se com os efeitos prejudiciais da Rede *Atlas* no Brasil. Basta verificar os indicadores macroeconômicos a partir da ascensão recente de “Chicago Boys” e adjacentes aos postos-chave de tomada de decisão no Estado brasileiro. A dita instituição estadunidense, com todos os seus tentáculos e associados, é diretamente responsável pelo abismo social em que o país se encontra desde o governo Temer e, em especial, durante o governo de Jair Bolsonaro, com Paulo Guedes como ministro da

Economia. Nesse sentido, qualquer semelhança com a “linha chilena” da ditadura pinochetista e sua herança, de 1990 até 2022, não é nenhuma coincidência.

Fontes

ATLAS Network. **Academy**. Disponível em: <https://www.atlasnetwork.org/academy>. Acesso em: 14 nov. 2022.

ATLAS Network. **Annual Report 2021**. Disponível em: https://admin.atlasnetwork.org/assets/documents/financials/AtNet-2021AnnualReport_Digital_sprd.pdf. Acesso em: 14 nov. 2022.

ATLAS Network. **Nossa História**. Disponível em: <https://www.atlasnetwork.org/about/our-story>. Acesso em: 14 nov. 2022.

ATLAS Network. **Parceiros na América Latina e Caribe**. Disponível em: <https://www.atlasnetwork.org/partners/global-directory/latin-america-and-caribbean>. Acesso em: 14 nov. 2022.

ATLAS Network. **Students For Liberty Plays Strong Role In Free Brazil Movement**. Disponível em: <https://www.atlasnetwork.org/articles/students-for-liberty-plays-strong-role-in-free-brazil-movement>. Acesso em: 14 jul. 2022.

MBL elegeu oito de seus 45 candidatos. **Carta Capital**. São Paulo, out. 2016. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/mbl-elegeu-oito-de-seus-45-candidatos/>. Acesso em: 11 jul. 2022.

PAÚL, Fernanda. Protestas en Chile: 4 claves para entender la furia y el estallido social en el país sudamericano. **BBC News Mundo**. Disponível em: <https://www.bbc.com/mundo/noticias-america-latina-50115798>. Acesso em: 10 jul. 2022.

Referências

AMARAL, Mariana. A nova roupa da direita. **Pública**. São Paulo, jun. 2015. Disponível em: <https://apublica.org/2015/06/a-nova-roupa-da-direita/>. Acesso em: 17 out. 2022.

ARALDI, Lucas; SVARTMAN, Eduardo Munhoz. Rede Atlas, think tanks e a construção da liberalização econômica no Brasil: uma análise do Instituto Millenium e do Instituto Ludwig Von Mises Brasil. **Conexão – Comunicação e Cultura**, Caxias do Sul, v. 18, n. 35, p. 317-339, 2019. Disponível em: <http://www.uces.br/etc/revistas/index.php/conexao/article/view/7591>. Acesso em: 14 nov. 2022.

BAGGIO, Kátia Gerab. Conexões ultraliberais nas Américas: o think tank norte-americano Atlas Network e suas vinculações com organizações latinoamericanas. **Anais do XII Encontro Internacional da ANPHLAC**. Campo Grande, MS. 2016. Disponível em: https://antigo.anphlac.org/sites/default/files/Katia%20Gerab%20Baggio%20_Anais%20do%20XII%20Encontro%20Internacional%20da%20ANPHLAC.pdf. Acesso em: 14 jul. 2022.

CHARAUDEAU, Patrick. **Uma análise semiolinguística do texto e do discurso**. [n. p.], 2005. Tradução: Angela Maria da Silva Corrêa. Disponível em: <http://www.patrick-charaudeau.com/Uma-analise-semiolinguistica-do.html>. Acesso em: 18 out. 2022.

CHARAUDEAU, Patrick. **Linguagem e discurso**: modos de organização. Tradução: Angela Maria da Silva Corrêa e Ida Lúcia Machado. São Paulo: Contexto, 2008.

CHARAUDEAU, Patrick. **Um modelo sócio-comunicacional do discurso**: entre situação de comunicação e estratégias de individualização. [s/p], 2010. Tradução: Grenissa Stafuzza. Disponível em: <http://www.patrick-charaudeau.com/Um-modelo-socio-comunicacional-do.html>. Acesso em: 10 out. 2022.

CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. **Dicionário de Análise do Discurso**. Coordenação da tradução: Fabiana Komesu. 3.ed. São Paulo: Contexto, 2016.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. Anatomia do novo neoliberalismo. **IHU On-Line**: Revista do Instituto Humanitas Unisinos, São Leopoldo, jul. 2019. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/591075-anatomia-do-novo-neoliberalismo-artigo-de-pierre-dardot-e-christian-laval>. Acesso em: 15 set. 2022.

DICIONÁRIO Brasileiro da Língua Portuguesa. **Competição**. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=competi%C3%A7%C3%A3o>. Acesso em: 28 nov. 2022.

FISCHER, Karin; PLEHWE, Dieter. Redes de think tanks e intelectuales de derecha en América Latina. **Nueva Sociedad**, n. 245. Disponível em: <https://nuso.org/articulo/redes-de-think-tanks-e-intelectuales-de-derecha-en-america-latina/>. Acesso em: 10 jul. 2022.

KAYSER, Erick. Reflexões acerca de uma historicidade neoliberal. **XIV Encontro Estadual de História da ANPUH-RS**. 2018. Disponível em: https://www.eeh2018.anpuh-rs.org.br/resources/anais/8/1531091650_ARQUIVO_artigoErickanpuhRS2018.pdf. Acesso em: 18 jul. 2022.

LOPES, Pedro; SEGALLA, Vinícius. Áudios mostram que partidos financiaram MBL em atos pró-impeachment. **Notícias UOL**. São Paulo, 27 maio 2016. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2016/05/27/maquina-de-partidos-foi-utilizada-em-atos-pro-impeachment-diz-lider-do-mbl.htm>. Acesso em: 10 jul. 2022.

MARTINEZ, Adriana F. O custo da nova economia: o projeto Chile e a recionalidade neoliberal. **XXV Encontro Estadual de História da ANPUH-SP**. São Paulo, 2020. Disponível em: https://www.encontro2020.sp.anpuh.org/resources/anais/14/anpuh-sp-erh2020/1596573385_ARQUIVO_e3b6e2bed2facee6d484a292d8028782.pdf. Acesso em: 18 jul. 2022.

MOIRAND, Sophie. A contribuição do pequeno corpus na compreensão dos fatos da atualidade. Tradução: Fernando Curtti Gibin e Júlia Lourenço Costa. **Revista Linguagem**, São Carlos, v.36, p. 20-41, 2020.

MORAES, Antonio Carlos de. O projeto neoliberal e o mito do Estado Mínimo. **Revista Lutas Sociais**, São Paulo. Disponível em: http://www4.pucsp.br/neils/downloads/v1_artigo_moraes.pdf. Acesso em: 13 jul. 2022.

NEDER, Raquel do Nascimento. Contexto histórico e fundamentos teóricos do neoliberalismo e suas implicações para os países centrais e latino-americanos. **IX Jornada Internacional de Políticas Públicas**, UFMA. São Luís, 2019. Disponível em:

https://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinpp2019/images/trabalhos/trabalho_submissaoid_1057_10575cbd1c6bdb2aa.pdf. Acesso em: 18 jul. 2022.

NEMETH, Henrique; ANGELI, Eduardo. Hayek, Campos e a Defesa do Autoritarismo. **Análise Econômica**, Porto Alegre, v. 38, n. 76, p. 31-54, 2020. Disponível em:

<https://seer.ufrgs.br/index.php/AnaliseEconomica/article/view/81423/57382>. Acesso em: 18 jul. 2022.

PERELMAN, Chaïm; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. **Tratado da argumentação**: a nova retórica. Tradução: Maria Ermantina de Almeida Prado Galvão. 3.ed. São Paulo, Martins Fontes, 2005.

PETRY, Almiro. Neoliberalismo e globalização na América Latina. **Projeto Especial Unisinos**, 2008.

Disponível em: <http://www.projeto.unisinos.br/humanismo/al/neoliberalismo.pdf>. Acesso em: 10 jul. 2022.

ROCHA, Bruno Lima; KLEIN, Júlia. A mobilização digital através das redes sociais: a frágil estrutura que possibilita uma janela de oportunidades aproveitada pela nova direita no Brasil. **Revista EPTIC**, v. 20, n. 2, 2018. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/download/206109>. Acesso em: 14 jul. 2022.

VIDAL, Camila Feix; BRUM, Luan Correa. Por uma outra forma de (re)pensar as Relações Internacionais: hegemonia e criação de consenso. **Conjuntura Austral**, v. 11, n. 56, 2020. Disponível em:

<https://seer.ufrgs.br/index.php/ConjunturaAustral/article/view/105342/59165>. Acesso em: 13 jul. 2022.